

A Ribeira-de-Oura

Segundo já referimos em outra crónica, as famílias mais importantes e mais antigas de Matozinhos são os Gomes, Domingues, Pires e Fragas. A esta aldeia também andam ligados os Aguiares e Brancos, representados no presente pelos filhos destes e dos Pires.

A família Gomes é de origem italiana, da qual houve alguns patricios romanos e tem por armas um pelicano, ferindo com o bico o peito e dando a seus filhos o sangue que dele escorre. Todavia, a Fernão Gomes da Mina foram dadas outras armas no tempo de El-Rei D. Afonso V, por ocasião da tomada das praças africanas de Alcácer, Arzila e Tanger. Serão os Gomes desta nossa região provenientes de tão ilustre tronco? É provável, como já em outras memórias dissemos. Tiveram o seu solar nas proximidades de Pereira de Selão e, dali, irradiaram, por certo, para outras localidades. Atentos os grandes serviços prestados, D. Jaime de Bragança deveria recompensar generosamente os membros desta família, como, na verdade, fez. Os Gomes, de Matozinhos tiveram sacerdotes, militares e outros varões ilustres pelas suas extremadas virtudes e nobres feitos. Estão hoje representados por Leonardo José Gomes, honrado e importante proprietário e, por outros seus consaguíneos, residentes em Jou, freguesia de Murça de Panajóia.

As outras famílias Pires, Domingues e Fragas também tiveram individualidades de certa categoria social. Os Pires representam ainda os Brancos e Aguiares. Estes últimos procedem de Pedro Mendes de Aguiar, cuja descendência, em parte, se estabeleceu no vale de Aguiar, vale que deles tirou o nome, e em outras terras do Norte de Portugal. Tem esta família por armas, em campo de ouro, uma Águia Vermelha, armada de preto, estendida, e, como timbre, outra Águia.

Como já dissemos, os Aguiares de Matozinhos tinham a sua casa em Loivos, onde há poucos anos faleceu o ser último representante nesta povoação.

A casa, porém, de mais luminosas tradições, é a Casa do Rial, que estanca além, a dominar campos verdes de cultura, á sombra de melancólicos ciprestes e a destacar, como grande mancha pardacenta, entre as copas verdes dos pinheirais.

É o antigo solar dos Marquêses de Subserra e, mais remotamente, dos nobres Condes de Castelo-Melhor.

Desta casa, pouco mais restam que escombros ou muros arruinados. Ainda se encontram relativamente bem conservados o muro que fazia a fachada do norte, cortado em portas e janelas, e a frente da capela, encimada pelo campanário.

É uma construção elegante do período da Renascença. Deve remontar aos fins do século XVI. Foi habitada pelos seus senhores até aos princípios do século XIX. Por ocasião do ataque da Santa Bárbara, em 1823, e nos primeiros tempos do Constitucionalismo, individualidades desta casa tornam-se notáveis pelos seus feitos.

Após essa época, o solar foi entregue a caseiros, até que, por fim, foi comprado, com dinheiro ganho em terras de Santa Cruz. Hoje, ainda continua na posse dos descendentes do seu comprador, José Abel dos Santos.

Esta casa, em tempos idos, foi possuidora de largos domínios no vale de Loivos, Vila do Conde e Salhariz, e, logo que passou para os Marquêses de Subserra, foi junta ao solar de Bustelo, sito na freguesia do mesmo nome, a qual faz parte do concelho de Chaves.

Os Vaías, de Santa Leocádia, tiveram varões muito insígnies nas letras, nas armas e na política. Um deles foi Governador duma Capitania brasileira, tornando-se a sua acção militar assás importante, por ocasião das lutas contra os holandeses, isto depois da Restauração de 1640.

Acêrca desta família existe um trabalho literário de merecimento, publicado ainda há poucos anos pelo distinto linhagista, nosso conterrâneo, o Sr. Dr. Francisco de Barros, um dos ilustres representantes da nobre casa de Samaões.

E, depois destas singelas divagações acêrca das famílias e tradições de Matozinhos, vamos ocupar-nos daqueles que deixaram esta risonha aldeia, pitoresca e louçã, assente donairosoamente no declínio suave duma das ramificações da Serra de Padrela.

São bastantes os que mourejam por essas edénicas terras brasileiras. De todos desejaríamos falar, recordando-lhes os dias descuidados que por aqui passaram, sob estas sombras deliciosas, a labutarem por estes campos de esmeralda e matizados de níveas flores. Com que saudade todos eles recordarão este lindo cenário, esta mancha suave de casario branco entre tufos de verdura, a sua cizinha, as ruas sinuosas e estreitas, a sua capelhinha e outras tantas cousas que lhes enfeitaram os corações?!

Para todos os filhos desta terra, nesta hora calmosa do estio, vão as nossas melhores saudações.

Não podemos, porém, deixar de nos referirmos, em particular, a um filho querido desta terra que muito a honra por vários títulos e maneiras. É com o seu retrato que vamos ilustrar hoje as colunas do "Diário Português". Vamos traçar rapidamente o perfil de Octávio Monteiro Neves, membro de uma família abastada desta povoação. Há oito anos, aproximadamente, que abandonou o lar paterno e embarcou para o Brasil.

Em conformidade com a situação grada de sua família, Octávio Monteiro dedicou-se aos estudos, frequentando, sucessivamente, um colégio de Lamego e os liceus de Braga, Porto e Lisboa. Depois de fazer algu-



Octávio Monteiro Neves, quando estudante em Coimbra.

mas caeiras da Universidade de Coimbra, cursou á Escola de Marinha.

Parece que o seu temperamento de homem activo e trabalhador se não coadunava bem com uma posição garantida pelos réditos do Estado. Ambicionava uma vida de luta, de labor, mas sem a cómoda certeza de um ordenado. E eis a razão porque o vemos, primeiramente, seguir a Marinha Mercante, e, depois, a vida comercial, exercendo hoje a sua actividade na importante Casa Ferreira Braga, na rua de S. Pedro, dessa capital.

Desde a sua vida académica, na qual deu sempre as melhores provas de inteligência, até ao presente tem sempre procedido como um verdadeiro cavalheiro, com todo o apurmo e rigidez moral, sendo bom filho, irmão modelar e, por último, exemplar chefe de família. Em nada tem desmentido as lídimas tradições dos seus antepassados, dos seus egrégios ascendentes, fidalgos pelo sangue e, sobretudo, pelos seus feitos de honradez e lealdade.

É no terraço da sua linda casa da Quinta que a esta hora nos encontramos, em amena palestra com seu bom tio, o nosso amigo, Sr. José, com seus extremosos pais e querida irmã, D. Isolete. Como todos eles recordam, com imensa saudade, o seu Octávio!... Era também aqui que ele passava horas esquecidas, lendo, pintando, recordando as suas viagens marítimas e muitos dos seus companheiros que tivera, quer durante o seu tempo de estudante, quer depois, na sua vida de homem do mar!...

D. Isolete deixa-nos por um pouco; mas não demora a voltar com as mãos cheias de fotografias. Algumas delas também são de uma sua irmã, casada nessa cidade fluminense. Ao nome de Octávio junta-se agora outro, sendo ambos eles recordados com a mais viva e profunda saudade... Há estremecimentos, há soluços reprimidos, há lágrimas que deslizam em silêncio!...

— Os ausentes são felizes, sem dúvida — assevera o bom do Padre José — mas, para nós, o lugar deles neste lar continua vago... Quando voltaremos a vê-los aqui, ao nosso lado?!

É assim como se sente e se ama neste meu Portugal, nestas pequeninas e adoráveis aldeias da minha terra. É assim como amam os ricos e os pobres, os nobres e os plebeus. É assim como sente todo o povo português, cujo coração se imola a dois grandes affectos, a dois ideais sublimes — Pátria e Família.

A hora já vai adiantada. Vou despedir-me de Matozinhos e desta boa gente, que tão generosamente me recebeu. Vou continuar a minha romagem por estas nossas aldeias, recordar as suas belas tradições e os seus filhos ilustre. É uma obra que me impuz e que julgo tenha algum préstimo social e patriótico.

Até breve.

JOÃO DA RIBEIRA

Loivos, 7-10-935.